

■ NACIONAL

FHC

Presidente evita discurso de candidato e defende aliança

Irritado, Fernando Henrique nega existência de acordo com Maluf

Jorge Luiz de Souza
de Assunção

“Quem começa a pensar em eleição o tempo todo perde as eleições”, disse ontem o presidente Fernando Henrique Cardoso, que identificou a preocupação com as eleições do ano que vem como um perigo para sua reeleição porque divide seus aliados. “Não há por que eu escolher entre A e B, eu quero A mais B mais C mais D até o infinito, se eu puder”, acrescentou ele, numa das entrevistas concedidas ontem em Assunção, no Paraguai, que visitou por poucas horas para participar da reunião semestral dos presidentes do Mercosul.

O presidente não convenceu nem mesmo seus colegas dos países vizinhos de que não pensa o tempo todo nesse assunto. Mais uma vez, como costuma acontecer nessas reuniões, ele ouviu gracejos dos outros presidentes, diante da imprensa, sobre sua intenção de continuar no cargo. Mas Fernando Henrique está preocupado mesmo com a divisão entre os partidos que o apóiam. “Não podemos transformar pequenas desavenças em grandes problemas porque o povo quer que a gente resolva as questões. Os partidos que têm sensibilidade popular acabam se alinhando naquilo que é melhor para o conjunto do País”, disse.

O último conflito entre seus aliados aconteceu esta semana, depois que o presidente recebeu em Brasília o ex-governador Paulo Maluf. O presidente negou, irritado, que tenha feito qualquer tipo de acordo com Maluf, mas achou pouco só a negação. “Isto não é pergunta

que se faça a um presidente”, disse. Por outro lado, o presidente Fernando Henrique Cardoso também diminuiu a importância dos atuais problemas como o desemprego na sua campanha para a reeleição.

“No momento em que houver uma decisão de candidatura, os temas serão outros, diferentes

do que são agora. A conjuntura política varia muito”, disse. Mas, na entrevista coletiva para a imprensa de todos os países da região,

ao final da reunião do Mercosul, Fernando Henrique não perdeu a chance de defender-se. “A questão do desemprego é real, mas nós conseguimos manter os níveis de desemprego no Brasil iguais nos últimos dez anos, não houve aceleração”.

Ele explicou que “houve sim desemprego industrial, em certas áreas, especialmente, por causa da reestruturação da economia brasileira, que levou, por exemplo, parte da indústria a sair do Sul e do Sudeste para o Nordeste. Mas isso trouxe melhor distribuição da economia regional”.

Segundo o presidente, o nível de desemprego no Brasil varia sempre entre 4% e 6%. “Nós estamos provavelmente neste momento em 5,5% ou 5,6%, tem meses em que sobe e outros em que desce”.

O presidente não economizou argumentos nesse assunto: “O ano de menor desemprego que se tem registro foi no ano passado, pela única estatística que é

compatível internacionalmente, que é a do IBGE (Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)”. Ele também afirmou que o Brasil não vai repetir o quadro de desemprego das economias européias, “onde há rigidez do mercado de trabalho, onde não existe tanta mobilidade geográfica, onde não existe tanta mobilidade ocupacional, onde as pessoas não mudam constantemente de profissão”.

Fernando Henrique voltou ontem a repetir que quem o elegeu não foi o Real, foi o povo. O Real foi um instrumento de reorganização da vida financeira do Brasil que teve consequências muito grandes sobre a vida da população, porque aumentou o consumo, aumentou o rendimento dos mais pobres, pela primeira vez nós temos estatísticas que mostram que houve uma redistribuição de renda, que é um processo muito difícil de fazer. O que a população deseja hoje no Brasil é primeiro a continuidade desse processo, com estabilização não só da economia mas também política, um rumo”.

Mas, segundo o presidente, ele precisa incutir no eleitorado “a convicção de que as coisas vão melhorar”, embora se declare pouco preocupado com isto.

“Nós estamos muito longe das eleições. Eu não vou fazer discurso de candidato, eu sou presidente da República, eu tenho que fazer o discurso do conjunto do País, não pensando eleitoralmente. Tenho que resolver as questões que se apresentam ao País como desafios. Até porque não sou candidato, isto depende de muitas coisas”.

“O que a população quer é não só a continuidade da estabilização da economia, mas também política”

“Tenho que resolver as questões que se apresentam ao País como desafios. Até porque não sou candidato”